

Caminhos de emancipação para além da crise

Temas geradores do pensamento de Paulo Freire



TURIM • ITÁLIA

de 17 a 20 de **Setembro 2014**

“O Mundo não é, o mundo está sendo.”

PAULO FREIRE

IX

Encontro Internacional
do Fórum Paulo Freire

TURIM • ITÁLIA

de 17 a 20 de **Setembro 2014**


Caminhos de emancipação para além da crise

Temas geradores do pensamento de Paulo Freire

O **Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire** chega à sua IX edição. O primeiro encontro foi realizado no final da década de 90, e os demais vêm se realizando em intervalos bienais. O Fórum constitui um espaço de encontro para todos aqueles que se identificam com o pensamento freiriano: a rede de institutos (atualmente radicada nos 5 continentes, a Unifreire, os centros, as cátedras que compõem a rede freiriana no mundo. A Itália já hospedou o II Fórum Internacional, em Bolonha no ano 2000 e o faz, pela segunda vez, organizando-o na cidade de Torino, por meio do Instituto Paulo Freire - Itália (criado em 2005). O legado do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) está sendo atualizado e reinventado em diferentes países, de modo a ampliar e dar continuidade a muitas das contribuições que ele construiu ao longo de sua vida. O movimento educacional freiriano, hoje, é muito diversificado, mas continua vinculado aos movimentos sociais que têm

por objetivo lutar contra a opressão, a busca da justiça social e a construção dos direitos civis e democráticos. Na Itália, como em outros países, são numerosas e significativas as experiências educacionais e de animação sócio-cultural que expressam posições críticas diante dos problemas da atualidade e que, compartilhando dos princípios da pedagogia freiriana, procuram reinventá-la, recriando-a. Por esta razão, o Fórum Internacional de 2014 foi pensado e planejado por organizações, grupos e indivíduos que atuam em situações e contextos, onde as formas de injustiça e exclusão, geradas pelos processos de globalização neo-liberal, são mantidas e reforçadas, ainda que escamoteadas. Assim, o Instituto Paulo Freire - Itália se propôs a construir junto com associações, grupos, movimentos e indivíduos da sociedade civil, caminhos de reflexão para a busca de novas alternativas teórico-práticas orientadas para o desenvolvimento social, econômico, cul-

Il Forum è organizzato dall'**Istituto Paulo Freire Italia** e dal **Gruppo Abele** in collaborazione con gli **IPF mondiali**.

All'iniziativa hanno aderito finora: Acmos, Altromercato, AssociAnimazione, Coop Caracol, Centro Sereno Regis, Cisv, Cnca, Cpp, Giolli, Libera, Coop Lotta contro l'Emarginazione, Mce, Metodi, MIaI, Yeep Italia...

tural, educacional, sustentável. A organização do IX Fórum reflete essa intenção, sendo que este documento constitui um ponto de partida para estimular a reflexão, o diálogo e a troca de experiências e práticas comuns, orientadas por uma perspectiva de emancipação e de construção de alternativas.

1. O tema geral do Fórum:

A emancipação como um grande tema gerador da educação na atualidade.

A época histórica em que vivemos se caracteriza por uma sucessão de crises múltiplas em vários setores. Muitos analistas consideram estas crises como sintomas de uma crise mais profunda e mais ampla, que afeta os atuais modelos de vida social e pessoal. Além disso, a crise das ideologias e culturas políticas unificadoras e a fragmentação social de universos simbólicos, tendem a aumentar em chave negativa, nas pessoas em geral, o sentimento de inadequação, impotência, perda da liberdade de escolha e da capacidade de intervenção no futuro. Por outro lado, se nosso momento histórico for lido em chave positiva, também abre a possibilidade de não nos satisfazermos com os atuais modelos de transmissão (cultural, social, pensamento), necessários, mas insuficientes para vislumbrar o futuro. Para prosseguir construindo-o é preciso incorporar ativamente outras lógicas de identidade e desenvolvimento, marcadas por uma forte intenção de projetualidade e de intervenções coletivas. Os momentos de crise desencadeiam a busca de formas alternativas e a experimentação de novas formas de vida em sociedade. Esta busca incessante por um mundo com mais justiça, democracia e humanização sempre foi o farol da proposta político-educativa freiriana. Acreditamos que a educação hoje, ao manifestar o seu horizonte ético-cultural progressista, possa vir a ser uma força de mudança, se for capaz de se conectar

com as diversas realidades e movimentos existentes nos diversos setores da vida social (luta contra a exclusão, a produção da cultura nos movimentos populares, a defesa e o respeito ao meio ambiente, a produção artística alternativa à existente, novas formas de consumo e de desenvolvimento sócio-económico, a auto-organização entre cidadãos para enfrentar os problemas locais). A Educação freiriana tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento de sujeitos críticos, situados e protagonistas. Como diria Paulo Freire, “sendo os homens seres em “situação”, se encontram enraizados em condições tempo-espaço que os marcam e que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade... Esta reflexão implica, por isto mesmo, em algo mais que estar em situacionalidade... Os homens são porque estão em situação. E “serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação” para modificá-la. A educação na perspectiva freiriana é, portanto, situada, crítica e problematizante. Isto é, orienta-se para interrogar os homens e o mundo em que vivem, levantando problemas, quando tudo parece estar no seu lugar, em ordem. Possui uma função perturbadora e, por isso, formativa.

A construção de um mundo no qual – individual e coletivamente - seja possível para todos - usando as palavras de Freire - “serem mais”, continua a ser o farol que nos guia na busca de práticas sócio-educativas verdadeiramente “inovadoras”. Nesta perspectiva, nos Encontros Internacionais do Fórum Paulo Freire sempre se escolhem como temas para reflexão e intercâmbio “temas epocais” e “geradores”, que ofereçam a oportunidade para refletir sobre os desafios sócio-econômicos, políticos, culturais e éticos do nosso mundo em crise e, ao mesmo tempo, permitam vislumbrar alternativas, insights, hipóteses que partindo da realidade, expressem

possibilidades de superação e mudança. O Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire é uma oportunidade de diálogo e intercâmbio entre pessoas e grupos - de diferentes continentes - que buscam alternativas concretas de educação, desenvolvimento sócio-cultural de estilos de vida que se contraponham à lógica homogeneizadora da globalização neoliberal. Nesse sentido, os principais objetivos do Encontro Internacional são:

- Refletir criticamente sobre o modelo civilizatório dominante da contemporaneidade, suas manifestações, lógicas, consequências, formas de exclusão e domesticação;
- Compartilhar experiências, práticas educacionais e sócio-culturais, em curso em vários contextos internacionais, que expressem concretamente alternativas aos modelos dominantes.
- Refletir sobre as formas e práticas de resistência à re-existência e construção de novos estilos de vida e modelos de convivência com base em atitudes, competências pessoais e sociais, que promovam novas relações entre gerações e diferentes grupos étnicos e culturais.

Muitas dessas práticas e manifestações alternativas já estão em curso - como têm sido testemunhado pelos participantes de todos os Fóruns Mundiais, mas é preciso explicitá-las, refletir sobre elas, fazê-las emergir e divulgar para que se traduzam em novas estratégias, planos e políticas públicas.

2. Os eixos temáticos a serem aprofundados durante o Fórum

O levamento e a seleção dos temas a serem abordados durante o Fórum partiu dos encontros realizados nos grupos freirianos da Itália, que atuam nos campos social e educacional,

pertencentes ao IPF e ao Gruppo Abele di Torino. Os temas foram apresentados e discutidos no Fórum IPF Itália de 2013, realizado em Saronno (VA), 21 de setembro do ano passado, que também contou com a presença do Prof Carlos Alberto Torres, diretor do Instituto Paulo Freire da UCLA (CA/EUA). Uma versão preliminar deste trabalho foi enviada aos IPF de outros países, que fizeram observações, comentários e sugestões. O Tema Gerador central escolhido trata da emancipação na atualidade, tendo sido desdobrado em cinco outros temas-chaves, abaixo ilustrados.

2.1 . A educação que emancipa frente às injustiças, desigualdades e vulnerabilidades.

O momento histórico contemporâneo nos coloca diariamente frente a novas formas e modalidades de produção de desigualdades. As populações privadas de direitos sociais se expandem cada vez mais, tanto no hemisfério norte como no sul. Ao lado da persistência de formas estruturais de injustiça e discriminação, envolvendo grandes massas de população do mundo. É cada vez mais evidente a perda de direitos (trabalhistas, educacionais, assistenciais) adquiridos e conquistados no passado, por parte de diversos segmentos da população, que se tornam, hoje, cada vez mais vulneráveis e sob risco de exclusão social. A precariedade do trabalho, a perda de assistência e segurança social e a revogação de muitos direitos conquistados reafirmam a reprodução de desigualdades antigas e novas. A Educação como processo social caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, uma instância de tensão entre a reprodução de desigualdades e a possibilidade de lutar por condições de justiça e inclusão. Aquela educação que não se propõe a transmitir modelos que reafirmam os papéis sociais dominantes e pré-estabelecidos cria contradições, ampliando os espaços de questionamento da realidade vivida

e de conhecimentos e representações que justificam os processos de exclusão. Na realidade italiana e europeia, as práticas educativas críticas, problematizantes e dialógicas - tal como definidas na perspectiva da pedagogia freiriana - são realizadas em situações sociais concretas de discriminação e exclusão, notadamente entre as de grupos minoritários e socialmente desfavorecidos.

Algumas perguntas para iniciar a problematização

Vivemos em sociedades, em que a condição de ser pobre ou desfavorecido, está associada a significados e representações, interiorizadas pelos próprios indivíduos que a vivem, como sendo fruto de falência pessoal, de responsabilidade individual, o que gera sentimentos de humilhação e trágica resignação. As representações sociais que privatizam as “vidas descartáveis” e a pobreza, culpando os sujeitos que a vivem e ofuscando a responsabilidade da sociedade, acabam por empobrecer a todos, pois além de não enfrentar o problema, tendem a aumentar as injustiças, gerar violência e disseminar a “arte da viração”.

Como as questões da pobreza tem sido enfrentadas no âmbito das práticas educativas? Assume-se que o ciclo vicioso de empobrecimento é gerado a partir de processos e mecanismos de exclusão econômico-sociais aos quais os sujeitos devem procurar se adaptar? Ou, ao contrário, têm-se procurado criar “espaços” que sejam círculos virtuosos de emancipação que comportam uma tomada de consciência das questões sociais e da necessidade de buscas coletivas de enfrentamento? Em que medida tais práticas centram-se no reconhecimento e valorização do conhecimento pessoal sobre a vida e, a partir dele tentam conectá-los com o de seus pares, incentivando diferentes formas de ajuda mútua e de enfrentamento?

Como evitar que se renovem modelos educativos prescritivos, que de modo geral, reforçam o estigma das soluções e caminhos individuais para vencer o círculo vicioso da pobreza? Qual o papel do educador e que habilidades deve desenvolver para exercer a tarefa de motivação, conexão, suporte com vistas a desencadear círculos virtuosos que possam consolidar cada vez mais a autonomia e a emancipação dos sujeitos sociais desfavorecidos?

2.2 O enfrentamento dos problemas locais, através do incentivo à participação dos cidadãos, visando um maior empoderamento e renovação democrática da vida social e política

A hegemonia de modelos de desenvolvimento cultural e educação que resgatam e privilegiam a subjetividade dos sujeitos favorecendo enfoques individualistas e personalizados, parecem estar, em muitos espaços sociais, sob questionamento. Existem hoje muitos sinais que nos permitem detectar uma nova demanda de subjetividade, de modo a conjugar a passagem do “eu” ao “nós”, contemplando a intersecção entre o individual e o coletivo. Desse ponto de vista, o denominador comum de muitas experiências educacionais, sociais e culturais, mas também econômicas, indica a presença de experiências de enfrentamento dos problemas de modo coletivo, com a adoção da participação, cooperação, da ajuda mútua. Tais situações prenunciam a possibilidade de construção de sujeitos coletivos que se ativam para buscar e construir bens comuns.

A Educação, nesse caso, enfrenta o desafio para lidar com novas formas de grupalidade, que tem por horizonte uma cidadania social, nas quais surgem formas de relações interpessoais e sociais que podem contribuir para a renovação da democracia e construção de bens comuns. Essas realidades sociais são lugares de aprendi-

zado coletivo. São espaços em que - por meio do diálogo e da reflexão crítica e compartilhada - as pessoas se tornam protagonistas de direitos e, portanto, sujeitos sociais e políticos.

Atualmente a crise da democracia parece ser irreversível e insolúvel devido ao esgotamento das formas de representação tradicionais e a sobrevivência de instâncias populistas potencialmente autoritárias. No entanto, a nível mundial, também estão se gestando processos e experiências originais de participação de cidadãos que se organizam para fazer frente a importantes questões da vida cotidiana. O compromisso para garantir a transparência e a justiça na utilização dos bens comuns têm-se traduzido em participação na vida pública. A educação é, ainda hoje, um dos processos significativos de construção do sentido de pertencimento social e comunitário. Aprende-se a participar por meio do diálogo, da ação, do exercício da crítica. Educar para a cidadania ativa, em nossos dias, requer o enfrentamento de realidades contraditórias e a ressignificação de orientações para que a cidadania adquira um sentido mais condizente com as expectativas dos cidadãos.

Nesse sentido é também importante que o trabalho social e educativo adote novas grades de leitura para interpretar as questões da democracia e da participação, com vistas ao desenvolvimento de estratégias adequadas às mudanças em curso.

Nessa dimensão também não faltam perguntas

Como é possível, através de processos educativos, combinar a passagem do eu ao nós (no plano do microcosmos) e ao mesmo tempo transitar para o plano da macro participação política? Qual é o papel da educação no processo de construção de bens comuns e de bens públicos? Como se pode fazer amadurecer nas

pessoas a capacidade para perceberem que a construção de bens coletivos e comuns, pode fazer parte da própria auto-realização? Além disso, como se podem concentrar, através da educação, os desafios e as expectativas das gerações jovens, com as manifestações e as formas de atuação dessa nova tendência social e cultural de construção de bens comuns para o enfrentamento coletivo dos problemas e desafios? Que contribuições a educação pode dar para a renovação da participação popular democrática na construção da vida social, cultural e política de nossas sociedades?

2.3 A relação entre a cidadania planetária e a ecopedagogia

Os processos de globalização econômica, financeira e cultural tornaram o mundo cada vez mais homogêneo em relação às condições de vida cotidiana, que se caracteriza pela fragmentação, solidão dos indivíduos, precariedade e injustiça, processos de migração contínuos, divisões e barreiras entre os privilegiados e os pobres, conflitos sociais e guerras, exploração indiscriminada dos recursos naturais, o cancelamento de culturas e línguas.

Contudo esse processo de globalização também pode ser contrastado com outras possibilidades, que jogam a favor da educação: a maior facilidade de conexão entre as pessoas, grupos e movimentos, possibilidades maiores de intercâmbios sociais e culturais. O paradigma da mundialização - ao contrário da lógica da globalização neoliberal - é orientado para construir uma cidadania planetária, baseada em laços de interdependência entre os indivíduos e populações, que criam condições para a sustentabilidade efetiva. Emerge, hoje, em vários países ao redor do mundo, uma abordagem diferente quanto à natureza, consciência de que a destruição da Mãe Terra derivada de um liberalismo predador que está nos condu-

zindo à auto-destruição. Por outro lado, existe também a possibilidade e a necessidade de reinventar um outro tipo de economia e relação com o meio ambiente. Nesse sentido, têm-se multiplicado - muitas vezes de modo confuso e ambivalente - movimentos ambientalistas e de preservação das espécies animais e da biodiversidade, da conservação do solo, de redução do consumo, de conservação das espécies em extinção, das culturas locais, da água, assim como de outros bens comuns. Além disso, ressalta-se a necessidade e a importância de ser pessoalmente responsável pela conservação da micro paisagem em que se vive, tal como o bairro, o país, o território, em que estamos imersos em nossa cotidianidade.

Tudo isso está gerando uma mudança nas relações com a natureza, não só com o surgimento de novas formas de agricultura e cuidados com o solo, mas também com a reconstrução da cultura, da história, da arquitetura, considerando-os como ambientes antropológicos. O vínculo com a terra e o forte sentimento que conduz à micro-práticas difusas de reciclagem e reutilização do lixo, do consumo crítico, das práticas de comércio solidário, representam uma riqueza e uma nova fronteira para a educação, a partir de uma lógica de colaboração e de construção de novos estilos de vida. Tais práticas sociais estão na contramão das formas de exploração dos recursos naturais e na esteira de uma educação para viver em co-responsabilidade e sustentabilidade. Uma educação que valorize o bom uso da terra, a manutenção de nosso planeta, de modo a garantir a sobrevivência das futuras gerações.

Nesta perspectiva, a cidadania planetária também assume uma nova fisionomia: reforça a interdependência entre os indivíduos, os povos e destes com o planeta; a importância de um processo de desconstrução de uma visão de mundo que seja ao mesmo tempo local e glo-

bal e a necessidade de construção de uma democracia planetária. A educação é fundamental para o desenvolvimento dessa nova visão de mundo, de modo que as diferenças culturais, geográficas e étnico-raciais se entretecem fazendo crescer o sentimento de pertencimento à humanidade e ao planeta Terra.

E aqui também outras questões para reflexão e aprofundamento

Que perspectiva de mudança pode vir deste movimento de criação de um novo vínculo com a natureza, com a cultura local e com a biodiversidade? Qual é o significado da ecopedagogia, traduzida para o universo do cotidiano: a casa, a escola e o mundo associativo? O que significa fazer das práticas de reciclagem um “passo para o futuro”, sem que seja uma renúncia do presente? Como sair das ideologias maximalistas e iniciar novas formas de conscientização e estilos de vida ecoplanetários? O que resgatar, do ponto de vista educativo, a partir dos novos movimentos ecoplanetários? Que caminhos os educadores podem percorrer junto com os jovens, partindo das expectativas e intuições, por vezes tênues e fragmentadas, mas impregnadas de futuro, enunciadas pelas novas gerações?

2.4 A relação entre o mundo da arte e da comunicação existencial e educativa

Cresce significativamente o número de indivíduos e grupos que buscam oportunidades de evasão e revigoramento nas práticas de dimensão simbólica das artes, em suas diversas manifestações, com o intento de tomar distância de um “opressivo real” e sua re-significação através de ações criativas; maneira de recriar novos significados e produzir uma comunicação autêntica com os outros, apelando para dimensões existenciais da vida. Se para alguns,

o olhar mais atento sobre a expressão artística constitui um lugar de fuga da realidade, ilusão de estar no mundo, para outros exprime uma profunda busca de intuições para a vida e de formas de comunicação com os outros, numa dimensão de comunicação existencial. Uma tentativa de evidenciar e percorrer caminhos de explicitação da diversidade e da complexidade dos problemas existenciais, através de linguagens das mais diversificadas.

É possível, entrando pelos mundos da artes e da comunicação, imaginar e prospectar perspectivas de emancipação que nos libertem dos vínculos de tempo e espaço históricos. Assim, através do teatro, pintura, poesia, fotografia, música...é possível ter a chance de romper a gaiola do presente e encontrar a possibilidade de vislumbrar um “nós” que tece laços autênticos, que constrói novos significados de forma criativa. Fazer arte para expressar e materializar o próprio poder de reconstruir, refazer e mudar. Eis com relação a esse tema, algumas questões para reflexão: Até que ponto o jogo, a festa, o teatro, a arte, o corpo humano e as novas ferramentas de comunicação permitem passar de uma comunicação “fria, impessoal” para vivenciar um outro estilo de comunicação “mais calorosa” impregnada de significados humanizantes e de solidariedade? Como e por que superar a lógica do consumo de desempenho que predomina no mundo da comunicação, dificultando o estabelecimento de laços estreitos entre as pessoas? Que tipologia de manifestações artísticas são consideradas instituintes para propiciar “tempos geradores” em espaços educativos e comunidades locais? Tais espaços e formas de comunicação poderiam também ser pensados como lugares para construir e difundir um novo imaginário cultural e político?

2.5 Pedagogia da construção de espaços de justiça nos territórios ocupados pela corrupção, a ilegalidade e a criminalidade.

Injustiças multiplicam-se nos territórios ocupados pela ilegalidade e pela corrupção e subsidiam a apropriação privada de grandes e pequenos bens públicos, que deveriam fazer parte do patrimônio futuro de todos. Além disso, ganha espaço uma cultura que afirma não haver chance de sobrevivência a não ser praticando ou passivamente aceitando a ilegalidade do estilo de vida que ela prescreve. Um fenómeno comum que ocorre com força destrutiva em territórios inteiros que são dominados pelo crime organizado, como a máfia. Territórios que já se tornaram um Estado dentro do Estado, espaços de “contra-educação”, de ilegalidade e corrupção. Educação esta que não só produz opressão e intimidação, mas procura cooptar muitos cidadãos no mundo fazendo-os ingressar na ilegalidade, veiculando entre os setores excluídos a ideologia de que a ilegalidade e a corrupção são imprescindíveis para aqueles que quiserem sobreviver. Desta forma, dominam pessoas e grupos em todo o mundo, fazendo com que internalizem as regras comuns da ilegalidade em que prevalece o silêncio, a cumplicidade com os poderosos, as regras da violência e a tolerância para que as crianças aceitem viver com o abuso e intimidação dos pares e adultos. Enfim, cria-se um mundo paralelo. A expansão da cultura criminoso, se não mafioso, portanto, não é apenas condição essencial para a opressão de grandes segmentos da população, mas também um modelo educacional que invade a vida cotidiana, a relação com as instituições, as regras do mercado e a convivência democrática nos territórios, nas escolas. Uma educação baseada numa cultura da conformidade, obediência cega, imitação e bajulação do forte e subjugação dos fracos: o silêncio. Um movimento contra-emancipatório

subterrâneo que corrói e polui a vida democrática. Todavia há muitos cidadãos que se organizam para combater a propagação de ilegalidade. Indivíduos, grupos, associações, jovens, educadores e profissionais de diversas áreas se empenham na sensibilização, educação e produção de uma cultura de resistência às formas e conteúdos da cultura mafiosa. Na Itália, o movimento mais significativo é o de Libera, uma associação constituída de grupos locais contra a máfia, que desenvolve há anos um importante trabalho de ação educativa, cultural e prática para lutar contra a cultura da ilegalidade e com a convivência para com ela. Essa educação também procura difundir formas organizadas de resistência, expressas na auto-organização de cidadãos, para despertar consciências, denunciar os abusos e resgatar a dignidade das pessoas.

Outras questões para reflexão e aprofundamento:

Que aspectos de interface pode haver entre as ações e a luta contra a ilegalidade nas diversas experiências e os princípios freirianos subjacentes à pedagogia do oprimido e da educação popular? Que pontes educativas e sócio-culturais podem ser construídas para resgatar e dar voz aos anseios dos setores populares onde impera a repressão e a violência, para recriar o diálogo e a reconstrução do tecido social? Até que ponto as diferentes formas de resistência à ilegalidade são oportunidades para que juntos possamos nos educar para a liberdade e a cidadania ativa, com o objetivo de renovar o estilo de vida das comunidades locais, e através de uma maior conscientização fazer frente às dramáticas condições da ilegalidade?

À luz da experiência de grupos, associações, igrejas e empresas que, em nossos dias, querem emancipar e emancipar-se do poder do crime organizado, que lições de aprofundamento e educação podem extrair, para fazer dos terri-

tórios e instituições públicas lugares de busca da justiça para todos? Que sementes da democracia, política, economia, negócios surgem na busca de alternativas para o atual modelo de desenvolvimento sócio-econômico e seu impacto sobre a vida democrática? De que maneira o patrimônio étnico e cultural, mas também metodológico podem se tornar um acervo a ser utilizado por adultos e jovens, em sua busca de caminhos de educação orientados para a cidadania ativa?

O documento acima constitui um esforço para orientar as reflexões e debates sobre alguns problemas e questões, através das atividades do Fórum: conferências, mesas redondas e círculos de cultura. Além disso, os cinco temas apresentados também servirão para organizar a nucleação e organização dos trabalhos e experiências que serão apresentados nos círculos de cultura.

Resumindo os cinco grandes temas serão:

- 1.** A educação que emancipa frente a injustiças, desigualdades e vulnerabilidades.
- 2.** Educação - Problemas locais, participação dos cidadãos (participação popular), empoderamento e renovação da democracia social e política
- 3.** Educação - despertando a consciência ecológica e a cidadania planetária
- 4.** Educação para a emancipação através da arte e da comunicação existencial.
- 5.** Pedagogia para a construção de espaços de justiça nos territórios ocupados pela corrupção, pela ilegalidade e pela criminalidade.

Saudações freirianas

Equipe do Instituto Paulo Freire - Itália